

PENSÃO ASSISTIDA: ESCUTA AOS CUIDADORES

CATIANE PINHEIRO MORALES¹; MORGANA CARDOSO RODRIGUES²; IAGO MARAFINA DE OLIVEIRA³; JOSÉ RICARDO KREUTZ ⁴, MARIA TERESA DUARTE NOGUEIRA⁵.

¹Graduanda de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas. Email: catianemorales@gmail.com

²Graduanda de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas. Email: morganacardoso.ufpel@gmail.com

³Graduando de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas. Email: iagomarafinadeoliveira@gmail.com

⁴Curso de Psicologia - Universidade Federal de Pelotas. Email: jrkreutz@gmail.com

⁵Curso de Psicologia - Universidade Federal de Pelotas. Email: mtdnogueira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Reforma Psiquiátrica começa a surgir ao final da década de 1970 como crítica as instituições asilares, e foi tomando força no decorrer das décadas seguintes. Em 1987 ocorreu a I Conferencia Nacional de Saúde Mental onde já foi apontado a internação como violadora dos direitos humanos. A II Conferencia em 1992 já ocorre dentro do contexto do Sistema Único de Saúde (SUS) e contou com a participação de usuários e familiares, o que demonstra um grande avanço. Nessa mesma década ouve a redução dos leitos em hospitais psiquiátricos, então surge a necessidade de equipamentos que substituíssem os manicômios. (SUIYAMA, 2007).

Neste segmento é que aos poucos surgem os residenciais para substituição dos manicômios. Nesse sentido que a Pensão Assistida na cidade de Pelotas, apesar de estar formalmente vinculada a Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, preconiza se localizar no contexto de reabilitação psicossocial tal qual a política da reforma prevê. A abertura para ações e projetos tais como Proext 2015 “Pensão Assistida: por uma saúde integrada” vinculada ao curso de Psicologia da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas) demonstra certa vontade política do município para construir novas significações para instituições que tradicionalmente vem se comportando de forma asilar e disciplinar. A Pensão é um local que abriga pessoas desamparadas, em muitos casos portadores de patologias. Pessoas estas que apenas algumas décadas atrás estariam trancafiadas em manicômios, mas que através de projetos como esse, advindo de políticas publicas embasadas na luta antimanicomial, agora passam por uma readaptação psicossocial, visto que alguns deles já passaram pela internação.

Uma questão que tem se mostrado latente é que havia um campo ainda intocado no local: os cuidadores, com sobrecarga de serviço, acarretada de defasagem salarial, atribuições das mais variadas que lhes cobram além de suas possibilidades, e que não recebem capacitação, nem orientação a respeito de seu trabalho.

A falta de equipamentos de apoio a esses funcionários pode ser apontado como um grande financiador das tensões. “É necessário criar instrumentos de suporte aos profissionais de saúde para que eles possam lidar com as próprias dificuldades, com identificações positivas e negativas, com os diversos tipos de situação.” (BRASIL, 2009). A partir desta constatação criaram-se condições de possibilidade pra uma pratica especifica de extensão que será explorada nesse resumo expandido: a Oficina de Escuta aos Cuidadores.

Para fins da prática buscou-se por arcabouço teórico que possibilitasse a compreensão do conceito de escuta, para melhor atender aos seis trabalhadores do turno em que se dá a tarefa. A escuta é estar consciente e atento ao que está ouvindo. Contudo além de simplesmente escutar, também pretende-se intervir, mostrando-lhes qual o intuito real de suas atividades, o porquê da existência da Pensão Assistida, que vem do contexto da Luta Antimanicomial, desconstruindo algumas institucionalizações que atravessam o trabalho destes cuidadores. Mais do que saber técnico, estes funcionários precisam aderir a Reforma Psiquiátrica, porém para que isso ocorra é preciso compreendê-la, percebendo o quão desumanos algumas atitudes podem ser.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos adotados na minha prática extensionista se caracterizaram da seguinte forma: (a) oficinas com frequência semanal média de uma vez por semana com dois extensionistas na oficina e um plantonista, que se colocavam disponíveis a escuta dos cuidadores (b) anotação das observações em diário de campo e planejamento dos próximos encontros, onde se pensava em vídeos, texto e materiais diversos, afim de produzir impacto, em outros momentos preparava-se materiais a pedido desses trabalhadores. Tem-se o intuito de compreender vários pontos que compõem este cenário, visando a análise complexa do que está institucionalizado. A atividade é realizada durante o período de trabalho dos cuidadores na própria Pensão Assistida, e se dará através de conversação livre, deixando claro o sigilo e postura ética. A escuta livre cria assim condições para percebermos como os cuidadores se situam no contexto institucional do seu encargo (que muitas vezes não condiz com a função exercida dentro da Pensão) e das expectativas do seu trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer das atividades foi se percebendo uma abertura maior dos cuidadores, na medida em que eles foram compreendendo a proposta. No início houve resistência, demonstravam desconfiança com medo que os depoimentos fossem repassados à chefia. Foi tarefa árdua, mas não impossível, quando estas compreenderam que o intuito era ajudar e ouvi-los sem julgamento, a atividade atingiu seu propósito.

Foram discutidos variados assuntos, a vida deles como funcionários e também coisas de suas vidas particulares. Um efeito potencializador destes encontros pode ser percebido na relação dos usuários com os cuidadores. Sem termos garantias de que foi a oficina que produziu, percebemos que alguns conflitos com os usuários amenizaram. Por exemplo: agressões verbais aos usuários. No entanto para obtermos resultados com maior eficácia, seria apropriado buscar por intervenções fora do local de trabalho, como palestras para capacitação e terapia grupal ou individual. O que percebemos a estrutura precária do serviço e dos salários torna a capacitação uma estratégia bastante difícil, pelo fato de que muitos dos trabalhadores têm outro serviço em turno inverso, em função da defasagem salarial. Em suma a oficina em certa medida criou condições de possibilidade para uma demanda institucional, que ultrapassa a do projeto, a falta de boas condições de trabalho e capacitação que deveria ser proporcionada pela secretaria, a precariedade do local, gera sensação de abandono aos trabalhadores (e usuários), que sentem a necessidade de respaldo em muitas instâncias, inclusive psicológica.

Considera-se de suma importância nesse processo a supervisão dos alunos envolvidos, visto que estes muitas vezes ouviam e se deparavam com situações

que iam contra suas concepções e idealizações, causando angustia quanto ao comprometimento.

4. CONCLUSÕES

Existe uma demanda a qual o projeto não tem como dar conta, pois se trata de uma demanda institucional que diz respeito a construção de alguns espaços de troca de experiências de trabalho que inexistem no serviço. Após reunião da coordenação do projeto com a secretaria de assistência social e cidadania, parece haver interesse de forjar estes espaços junto a equipe da Pensão Assistida agora rebatizada como “Residencia Inclusiva”. Paralelo a isso, construiu-se condições de possibilidade para reuniões de equipe de forma mais sistematizada uma vez que os encontros produziram relativa melhora no ato de cuidar dos moradores (em torno de 20 a 25), embora não se consiga alcançar toda a equipe, por questões já pautadas, os dois funcionários que se mostraram receptivos as atividades tornaram-se mais motivados, o que de algum modo implica no modo de trabalho de toda a equipe.

Foi observado em alguma medida um rompimento da resistência dos cuidadores em relação aos estagiários, viabilizando maior cooperação para com as demais oficinas propostas pelo projeto do curso de Psicologia da UFPEL, além de melhorias no tratamento dos usuários.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, René, Escuta sensível na formação de profissionais de saúde (Universidade Paris 8, CRISE) Conferência na Escola Superior de Ciências da Saúde – FEPECS – SES-GDF, 2002;

BRASIL, Ministério da Saúde, Clínica Ampliada e Compartilhada, Brasília- DF, 2009.

BUENO, Francisco da Silveira, Mini Dicionário da Língua Portuguesa, São Paulo, FTD: LISA, 1996;

SILVA, D.S.; AXEVEDO, D.M., As Novas Práticas em Saúde Mental e o Trabalho no Serviço Residencial Terapêutico, Esc Anna Nery, p 602-609, 2011.

SUIYAMA, R. C. B.; ROLIM, M. A.; COLVERA, L. A., Serviços Residenciais Terapêuticos em Saúde Mental: uma proposta que busca resgatar a subjetividade dos sujeitos?, Saúde Soc., São Paulo, v.16, n.3, p.102-110, 2007.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo, Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2006.